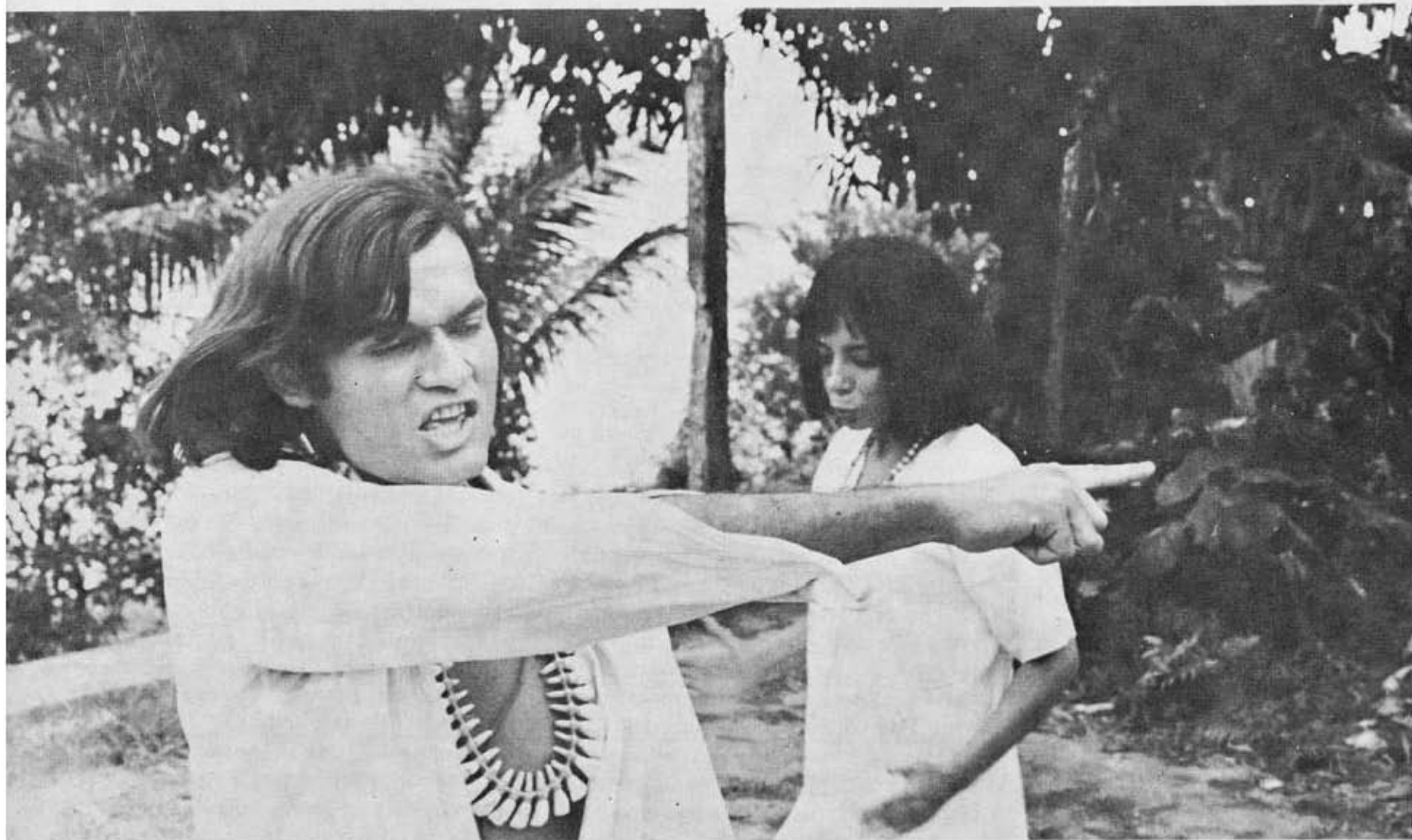


cinema brasileiro: novos filmes



Helio Fernando, Anecy Rocha — "Brasil Ano 2000"

BRASIL ANO 2000

Diretor: Walter Lima Jr.
Argumento: Walter Lima Jr.
Roteiro: Walter Lima Jr.
Montagem: Nello Melli
Fotografia: Guido Cosulich
(Tropicolor)
Música: Gilberto Gil
Direção musical: Rogerlio Duprat

Intérpretes: Anecy Rocha (a mãe), Énio Gonçalves (o repórter), Iracema de Alencar (a mãe), Ziembski (o general), Manfredo Colasanti (chefe do Serviço de Educação do índio), Hélio Fernando (o filho), Rodolfo Arena (o padre), Jackson de Souza (o político), Afonso Stuart (o prefeito), Arduíno Colasanti (o motorista), Aizita Nascimento (a mulher), Raul Cortez (o homem que protesta)

Produção: Walter Lima Jr., em associação com Luiz Carlos Barreto, Glauber Rocha, Júlio Bressane, José Alberto Reis, Claude-Antoine e Mapa

Em uma estrada do interior, poucos anos após a Terceira Guerra Mundial, uma família caminha: mãe e dois filhos. Ajudados por um motorista de caminhão chegam a uma cidade deserta à qual é dado o nome de Me Esqueci.

Observados por um velho que se assemelha a um caçador africano, recebem dele a proposta de um emprêgo como "índios" do pôsto local do Serviço de Educação do Índio, que às vésperas da inauguração da base de foguetes de Me Esqueci, vê-se em dificuldades, pois todos os seus índios desapareceram. É preciso uma justificativa para a existência deste Serviço burocrático, sobretudo porque, agora, a cidade receberá a visita de um grande General.

Um repórter vem fazer a cobertura do lançamento do foguete. Interessado na jovem, que procura usá-lo para fugir ao papel de "índia", êle a seduz após descobrir a farsa de sua família e do homem do Serviço de Educação do Índio.

A chegada do General põe Me Esqueci em euforia. Na véspera do lançamento do foguete o repórter resolve escandalizar a cidade com a revelação da farsa. É chamado então pelo General, que tenciona puni-lo. Durante o encontro fica decidido que a família será aproveitada em outra atividade e que o chefe dos índios fará parte do plano de trabalho político do General.

Chega o dia-D, mas o foguete não sobe. Ao mesmo tempo, decidida a partir, a jovem rompe definitivamente com a família e sai à procura do repórter, enquanto o irmão vai à caça dos dois para impedir a fuga. Durante a luta desesperada, a jovem compreende que o repórter apenas a usara como elemento de satisfação pessoal, e a surpresa final se concretiza com a súbita partida do foguete para o infinito.

TEMPO DE VIOLÊNCIA

Diretor: Hugo Kusnet
Argumento: Hugo Kusnet
Roteiro: Hugo Kusnet e Armando Costa
Montagem: Nello Melli
Fotografia: Ricardo Aronovich
Música: Sidney Waismann

Intérpretes: Tônia Carrero (Marta), João Bennio (Antônio), Raul Cortez (Chefe), Antero de Oliveira (Homem 1), Hugo Carvana (Homem 2), Isabel Ribeiro (Ana Maria), Rubens de Falco ("F"), Glauce Rocha (Da. Maria da Glória), Mário Lago (Dr. Khoury), Carlos Imperial (apresentador), Paulo Padilha, Maurício Barroso, Carlos Koppa, Fernando José, Jurema Penna, Álvaro Aguiar, Nildo Parente, Otoniel Serra, Néelson Moura, Uracy de Oliveira, Van Dick, Armando dos Santos, Antônio de Cabo

Produção: Bennio Produções Cinematográficas / Grupo Filmes



Tônia Carrero, Raul Cortez — "Tempo de Violência"

Um bancário, Antônio Coutinho (João Bennio), presencia o espancamento e o rapto de um homem em plena rua. No dia seguinte, ele recomeça sua vida normal considerando-se resguardado pelo anonimato de uma grande cidade. No entardecer do segundo dia, lê nos jornais que o raptado é jornalista envolvido em um caso de contrabando de minérios atômicos. Simultaneamente, o telefone começa a tocar sem que, do outro lado, se ouça alguma voz; faróis de automóveis iluminam seu quarto durante a noite; o cerco vai se fechando sobre Antônio, alvo de uma guerra de nervos. Finalmente desabafa com Marta e os dois organizam um plano de fuga: o apartamento de um amigo que está viajando parece um re-

fúgio tranquilo. Antonio consegue chegar ao apartamento, mas a mulher, seguida pelo chefe dos raptadores (Raul Cortez), volta para casa. Um desconhecido, "F" (Rubens de Falco) dá mostras de conhecer o problema de Antonio e promete ajudá-lo. Enquanto isso, os raptadores (Cortez, Hugo Carvana, Antero de Oliveira) submetem Marta a um jogo de ameaças e violências. Ana Maria (Isabel Ribeiro), vizinha do casal, assiste de longe aos acontecimentos e é envolvida por um dos capangas.

Um encontro de Antonio com o chefe dos raptadores não atenua o mistério: mostram-lhe o vulto do jornalista sentado no banco de trás de um automóvel, sem esclarecer se ele está

morto ou dormindo. Uma tentativa de fuga para Belo Horizonte se frustra. Enquanto o misterioso "F" procura convencer Antonio a denunciar os criminosos — acenando até com uma recompensa em dólares — Marta é seqüestrada e estuprada, depois de matar um dos homens. Segundo "F", Antonio está entre duas organizações em luta pela posse de terras ricas em minérios atômicos e, se não aderir a uma das partes, morrerá. A trama se precipita: um telefonema assegura aos raptadores que Antonio vai denunciá-los; outro, precipita a polícia rumo ao endereço do casal. Antonio e Marta jogarão sua última cartada agora, inapelavelmente, sem conhecerem os parceiros e as regras do jogo.

O CANGACEIRO SANGUINÁRIO

Diretor: Osvaldo de Oliveira
Argumento: Osvaldo de Oliveira e Enzo Barone
Roteiro: Osvaldo de Oliveira e Enzo Barone
Montagem: Silvio Renoldi
Fotografia: Osvaldo de Oliveira (Eastmancolor)
Música: Damiano Cozzela

Intérpretes: Maurício do Valle (Capitão Jagunço), Izabel Cristina (Flô), John Herbert (Cisso), Carlos Miranda (Tenente Lázaro), Jofre Soares (Coronel Justino), Roberto Ferreira — 'Zé Coló' (Medonho), Gervásio Marques (Azulão), Ademar Ferreira (Cobra Verde), Valeria Vidal (Josefina), Julia Miranda (Cila), Paula Ramos (Paula), Letácio Camargo (Padre), Nouzinho do Xaxado (Nouzinho), e participação especial de Sergio Hingst

Produção: Alfredo Palácios / A. P. Galante



Maurício do Vale, Isabel Cristina — "O Cangaceiro Sanguinário"



Isabel Cristina em "O Cangaceiro Sanguinário"

Estranho funeral em um vilarejo nordestino: três corpos em rês coloridas e um pequeno acompanhamento. Súbitamente as rês se desfazem, delas surgindo os chefes do bando de cangaceiros. Inicia-se terrível saque. O prefeito (John Herbert), que se recusara a fazer uma "doação" de cinquenta contos aos cangaceiros, é arrastado, preso à sela de um cavalo, sob os protestos de sua mulher, Flô (Isabel Cristina). Saciada a sanha dos bandoleiros, o chefe, Capitão Jagunço (Maurício do Valle), ordena a retirada, levando a jovem Flô.

Estavam os cangaceiros acampados, quando um mensageiro traz notícias de que os "macacos" (homens

recrutados no sertão para dar combate ao cangaço) estavam por perto. O Capitão Jagunço divide o bando em grupos e seleciona para acompanhá-lo três homens e Flô. A tática consiste em largar as montarias e desaparecer no agreste, para futuro reagrupamento na fazenda do Coronel Soares (Sergio Hingst), na fronteira de Sergipe. São perseguidos pela volante chefiada pelo rancoroso Tenente Lázaro (Carlos Miranda).

O Prefeito Cisso também partirá atrás do bando, para libertar sua mulher. É ele quem chega primeiro. Sua primeira visão é de Flô estendida a beira do lago, onde sofrera uma "curra". Julgando-a só e abandona-

da, Cisso procura reanimá-la, quando quatro cangaceiros o espancam e o deixam amarrado, dentro da lagoa, para morrer de sede e insolação.

Chega a volante e Cisso é salvo pelo Tenente que o convida a integrar sua comitiva. Cisso recusa, dizendo que a sua luta é de honra e particular, e a do Tenente é da lei e do governo.

Finalmente, numa tarde de festa na fazenda do Coronel Soares, a volante ataca. O Capitão Jagunço consegue fugir com Flô para o Monte Santo. Porém, lá o espera Cisso. Ambos se defrontam em feroz luta de longos punhais, sob os olhares aflitos de Flô.

MEU NOME É TONHO

Diretor: Ozualdo R. Candelas

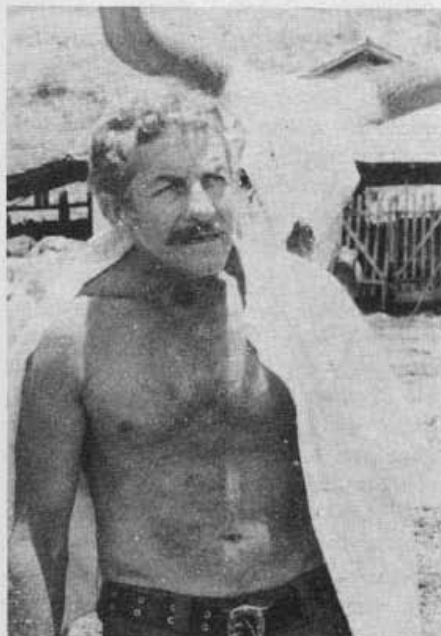
Argumento: Ozualdo R. Candelas

Roteiro: Ozualdo R. Candelas

Fotografia: Peter Overbeck

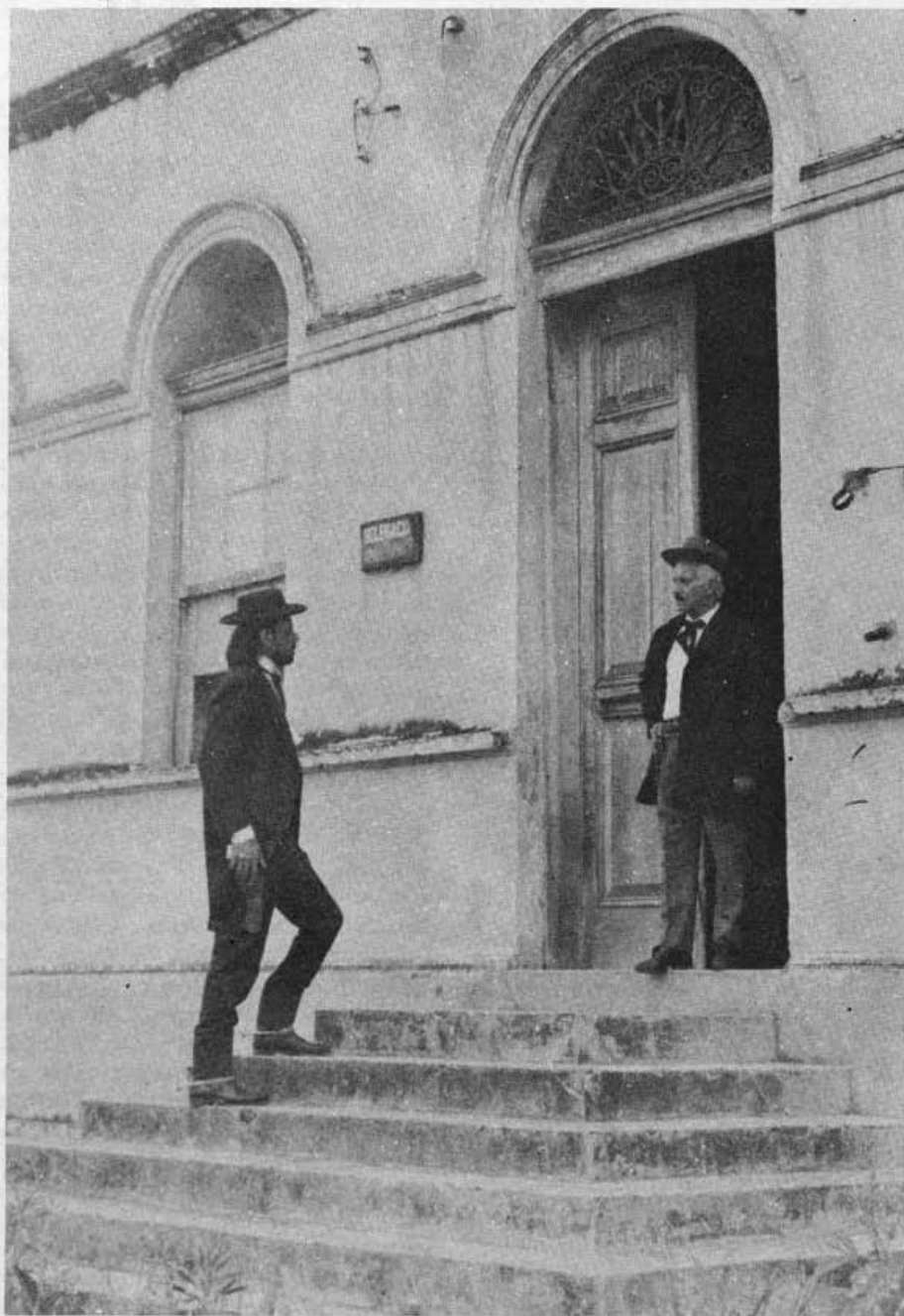
Intérpretes: Jorge Karam, Bibi Vogel, Nivaldo de Lima, Vera França, Édio Esmêno, Leonor Tavares, Walter Portella, Esmeraldo Ruchel, Toni Cardí, Ana Maria do Prado, José Ferreira, Anita Leite, Cláudio Vianna, Antônia da Silva, Alan Castro, Walter Moreno, Jiam Silva, Palito, Débora de Abreu, Neuza de Oliveira, Ivo Rodrigues, Lino Braga, Alice Tanaka

Produção: M. Augusto de Cervantes/Nilza de Lima/Produtora e Distribuidora Ibéria Ltda



Ozualdo Candelas em "Meu Nome é Tonho"

É a história de um homem que sempre atendeu pelo nome de Antonio, simplesmente. Por sorte — ou falta de sorte — não conheceu seus pais. Quando ainda criança, foi raptado por uma caravana de ciganos com quem viveu até a maturidade. Um dia os abandonou, passando viver por conta própria. Bom sujeito, bom cavaleiro e bom atirador, mas um tanto alheio e até omissivo em relação ao mundo que o cercava. Viu muita miséria e muita crueldade, sendo muitas vezes uma das vítimas. Uma noite igual a muitas outras, uma bela e atrevida mulher cruzou por seu caminho. Os retalhos da história da mulher sussurados sob co-



Jorge Karam — "Meu Nome é Tonho"

bertas de seda e o calor do desejo, torceram o norte da vida de Antonio. Brusca e dramaticamente, foi despertado para a injusta e irônica realidade que o cercava e que sempre tentou ignorar. Talvez tenha assistido ao massacre de sua própria família e talvez tenha amado a própria irmã. Irmã que vivia em cabarés de luxo as expensas de senhores poderosos. Aquela mulher, naquela noite, falou com saudade de um irmão perdido no tempo e no espaço: chamava-se Tonho. Os retalhos da história daquela mulher rebatisaram Antonio. Na primeira vez que o nome Tonho foi falado três valentes morreram. Tonho, para certificar-se

da sua nova identidade, procurou encontrar o sítio onde nascera. Para tristeza sua, Tonho certificou-se. Os responsáveis físicos pelo massacre de seus pais e pela infelicidade de sua irmã foram os primeiros alvos da "justiça" de Tonho. Para encurtar, ninguém escapou — responsáveis físicos e intelectuais — tendo feito o que lhe pareceu correto. Tonho desapareceu deixando a terra onde viveu seus dramas, encharcada de sangue e, uma mulher bonita, sensual e louca dançando quase nua, para um cadáver importante. Nunca mais se ouviu falar de Tonho ou de sua bonita e atrevida irmã.